

CICLO EMMA DANTE

28 FEVEREIRO A 9 MARÇO 2008

CENTRO CULTURAL DE BELÉM

M/16 anos

Legendagem em português

EMMA DANTE, encenadora emergente no novo teatro europeu, apresenta-se pela primeira vez em Lisboa com três espectáculos sobre a família, **Carnezzeria (2002)**, **Vita Mia (2004)** e **Mishelle di Sant'Oliva (2005)**, acompanhados de encontros e laboratórios realizados pela companhia e dirigidos a actores portugueses e estudantes de teatro, críticos e investigadores na perspectiva de eventuais colaborações no futuro.

Os três espectáculos mostram, na sua complementaridade, três perspectivas diferentes sobre o tema da família, oferecendo-nos simultaneamente reflexos da cultura siciliana e da sua imagem de família. A família siciliana que em muito se assemelha à portuguesa, dada a aproximação cultural e mesmo as sonoridades linguísticas –, apresenta-se como uma óptima oportunidade de descobrir uma nova forma de relacionamento cultural. A trilogia mostra bem o talento da encenadora e a sua dramaturgia transversal, muito inovadora e teatralmente emocionante.

EMMA DANTE nasceu em 1967 em Palermo, na Sicília, cidade onde ainda vive. Concluiu a sua formação na Accademia d'Arte Drammatica Silvio d'Amico (Conservatório de Roma), em 1991. Depois de ter interpretado numerosas peças na península, regressa a Palermo em 1999 e cria a companhia teatral Sud Costa Occidentale. Em 2001, encenou, em dialecto de Palermo, *m' Palermu*; e em 2002 *Carnezzeria*. Posteriormente, encenou *Medea*, a partir de *Euripide*, com textos de Heiner Müller e Christa Wolf, em Nápoles em 2003; e *La Scimia*, a partir de *Le Due Zitelle*, de Tommaso Landolfi, na Bienal de Veneza em 2004. *Vita Mia*, a última peça da sua trilogia de Palermo (*m'Palermu*, *Carnezzeria* e *Vita Mia*), é criada na Villa Medici em 2004, no âmbito do *Festival Romaeuropa*. Depois, escreveu e encenou uma nova peça em dialecto: *Mishelle di Sant' Oliva*, criada no Festival delle Colina Torinese em Julho de 2005. A sua última peça, *cani di Bancata*, estreou no final de 2006.

CARNEZZERIA

28, 29 Fevereiro e 1 Março

21h00

Pequeno Auditório



Texto e encenação: Emma Dante

Com: Gaetano Bruno, Sabino Civillieri, Enzo di Michele, Manuela Io Sicco

Cenografia: Fabrizio Lupo

Fotografia: Giuseppe Di Stefano

Produção: Crt – Centro de Pesquisa para o teatro

Quando o teu cão te acompanhou durante muitos anos e deve morrer; quando te quiseres livrar dele ou tiver pecado; quando a pele dele estiver coberta de crostas e de pequenos animais, e as orelhas dele se estiverem a desfazer e a sangrar, e o nariz sempre seco, e a arrastar-se com as patas posteriores, desamparadas de um lado, como uma coisa morta; ou quando a visão dele se tornar intolerável para ti – não o entregues em mãos alheias, porque foi teu amigo, nem nas mãos do teu irmão. Ele não o conhece como tu; não deixes que sintas que vai morrer, tem por ele um derradeiro respeito e entrega-lhe tu mesmo a morte; chama-o a um canto do jardim, dá-lhe o último osso para roer, acaricia-lhe a cabeça com uma mão e, com a outra, sem que ele repare...

TOMMASO LANDOLFI

Vi no rosto das pessoas olhos de lagarto, escondidos das pálpebras; olhos de cavalo, injectados de sangue; e olhos de vaca, luminosos e molhados, com uma pungente doçura interior. Eram homens arrancados a eles mesmos, massacrados por uma vida insípida. Animais amedrontados e perigosos que, com a capacidade profunda de participar no sofrimento, iam perdendo com o tempo cada parentesco humano.

Carnezzeria é a história de uma família de talhantes, com os laços mórbidos que a une, com as despedidas históricas que a paralisam, com o ar estagnado e cheiro a fumo. O clima é de festa, aparentemente alegre, mas com um perigo iminente: beleza e perda são a mesma coisa.

Num palco com a forma de uma imagenzinha sagrada entram três irmãos e uma irmã. Cada um deles é uma personagem que pelo movimento das pestanas, pela postura do corpo e pelo ritmo da voz carregam dentro de si a besta que os deu à luz.

Carnezzeria é uma cerimônia encenada para absolver uma mulher do pecado, redimi-la; consertar o erro; limpar a honra ao filho bastardo.

Nina, "a tonta", esposa-criança, está vestida de branco. Mas a roupa dela denuncia o seu estado aos olhos de quem a vê: está grávida. O coração dela sente-se perdido no seu corpo enorme, deformado pela dor e pelo pecado. Nina carrega a marca. Está conspurcada, estigmatizada. A barriga inchada é o sinal a partir do qual se cumpre o seu destino, onde se atizam, com a raiva dos perdedores, os três irmãos incapazes de compreender

A única lei possível é: "Olhem para nós com respeito" – e com respeito significa "olhem para nós de novo sem baixar o olhar".

A existência deles está na aparência. Sexo, corpo, terra, propriedade, luta e pertença são as únicas causas que geram, através duma terrível brutalidade, toda a violência que os sustém.

Como defrontar o seu mundo de bestas? Como entrar na cabeça de um cão espancado sem ser contagiado pela raiva? Como entrar nos pequenos murmúrios de um rato de esgoto e ouvir em silêncio, de modo a não interferir com os acontecimentos? Como entrar na cabeça do porco e ver na lama as coisas como ele as vê?

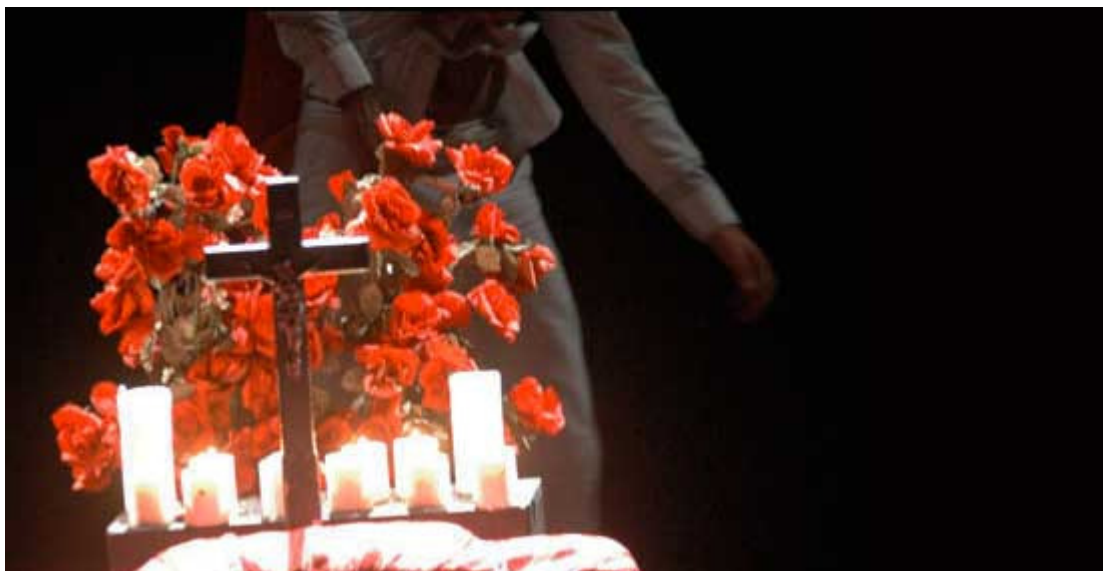
Três irmãos e uma irmã aguardam que o rito seja consumado, para apagar o cheiro insuportável a sujidade.

O casamento está preparado: o padre, a igreja, os convidados, as bebidas, a banda, as flores, o filho da mãe...

Emma Dante

VITA MIA

3, 4 e 5 de Março
Pequeno Auditório
21h00



Encenação **EMMA DANTE**

Com **ENZO DI MICHELE, GIACOMO GUARNERI, ERSILIA LOMBARDO, ALESSIO PIAZZA**

Luz **CHRISTIAN ZUCARO**

Agradecimentos **Manfredi Mancuso** e **Clarissa Cappellani.**, ex carcere c.s.o.a. de **Palermo.**

Agenciamento **FANNY BOUQUEREL**

Fotografia **DARIO GUARNERI**

Design Gráfico **AUTONOME FORME**

Produção **SUD COSTA OCCIDENTALE**

Oitava Elegia

*Quem nos desviou assim, para que tivéssemos
o ar de despedida em tudo que fazemos? Como aquele
que ao partir se detém na última colina para contemplar
o vale à distância – e que uma vez mais se volta,
hesitante, e aguarda –, assim vivemos nós,
numa incessante despedida.*

(Rainer Maria Rilke)

Entramos numa sala vazia com uma cama no centro. Que cama é esta, interrogamo-nos: um refúgio? Um local de repouso tranquilo? Um fim?

Há uma viagem no tempo e espaço à volta deste catafalco, e o que move tudo é algo que não se pode entender/perceber/compreender. A sala onde entramos é um buraco para o nada. É o lugar onde, por um momento, a alma fica suspensa antes de se descolar do corpo.

Uma mãe olha doce e tristemente para os três filhos que se encontram à sua frente, e ensina-lhes que a vida é um bem precioso, algo que se nos escapa. A vida é uma corrida à

volta dessa cama. **VITA MIA** é a tentativa louca e desesperada de atrasar, até ao limite do suportável, a última corrida antes da morte.

Quem foi o escolhido? De quem é a vez? O mais velho ou o mais novo? O mais gentil ou o mais desagradável? Mas acima de tudo, por que razão é escolhido o que ainda não está preparado, o que se agarra com energia aos impulsos da vida, das ideias e dos projectos?

Entre Gaspare, Uccio e Chicco está uma pessoa morta que deve jazer na cama, mas a mãe não quer saber disso, cambaleia, senta-se, inclina a cabeça para um lado e olha para aqueles homens na sua casa, um por um: o grande, o do meio, o pequeno... Como poderá entender que o filho morto é seu? Com que coragem o levará nos seus braços até à cama, depois de o vestir e de lhe sussurrar palavras de amor ao ouvido? Que farão as suas pernas para não cederem bruscamente?

Está tudo imóvel: os gestos, as memórias, as palavras de conforto, o remorso, o último batimento do coração que se repete até ao infinito.

Vita Mia é uma vigília.

A cama é um barco de pedra e a sala é o mar que nos consome e desaparece.

Emma Dante
Para o meu irmão Dário

MISHELLE DI SANT'OLIVA

7 a 9 de Março

Dias 7 e 8 de Março às 21h00

Dia 9 às 16h00

Pequeno Auditório



Com **GIORGIO LI BASSI, FRANCESCO GUIDA**

Cenografia e figurinos **EMMA DANTE**

Encenação **EMMA DANTE**

Luz **IRENE MACCAGNONI**

Produção **SUD COSTA OCCIDENTALE**

Co-produção **Festival delle Colline Torinesi**

Espace Malraux, Scène Nationale de Chambéry drodesera>centrale fies

Agradecimentos **AMAT – Associazione Marchigiana Attività teatrali**

Garofano Verde, programação de Rodolfo di Giammarco

Agenciamento **Fanny Bouquerel**

Fotografia **Alfredo d'Amato**

Projecto gráfico **karma/frog**

A primeira bailarina do Olympia de Paris era uma mulher realmente bela: alta, loira, pele macia como a seda. No entanto, era o olhar dela que mais impressionava: quando olhava para alguém, fazia com que qualquer um se sentisse cada vez mais e mais pequeno...

Em Palermo, perto de Sant'Oliva, no bairro das prostitutas, Gaetano e Salvatore Luccheseare estão sentados nas suas cadeiras à espera de Mishelle. Gaetano recusa-se a olhar para o filho, mesmo sentindo a presença dele tão forte ao ponto de tremer; encafua-se na cadeira, sustém a respiração e escuta em silêncio. As memórias estão suspensas no ar, como as folhas de Outono que esvoaçam com o vento, e Gaetano, com a sua melhor roupa, senta-se à janela, com a cabeça apoiada no peito. O tempo já não existe. Há anos que Gaetano bate nas suas pernas de pedra com os punhos, chamando pela fada encantada que partiu um dia, deixando-o cair subitamente no seu corpo disforme.

O filho senta-se com as pernas abertas em frente à parede. Faz dez anos que o pai lhe virou as costas. E cada noite, ao luar, "o filhinho da francesa" embeleza-se com as suas melhores roupas. Uma vez terminada a metamorfose, naquela pequena sala abafada, ela

liberta um perfume primaveril desesperado, de flores, que Gaetano não consegue suportar.

Mishelle está pronta, rude, dura e pesada, vibrando numa felicidade muda. Apesar da figura pesada e disforme, caminha com a cabeça erguida. Dá um beijo casto na testa do pai, e sem vergonha dirige-se para Sant'Oliva, caminhar de uma ponta à outra, para a frente e para trás...

**8 MARÇO | 17H | PEQUENO AUDITÓRIO: ENCONTRO COM
EMMA DANTE**

PALERMO EM VERSÃO ORIGINAL

Entrevista a Emma Dante por Jean-Louis Perrier

Em 2001, com **m'Palermu**, Emma Dante surge brilhantemente numa paisagem teatral italiana em busca de autores. Três peças mais tarde, confirmou a originalidade e o poder das encenações baseadas no quotidiano de famílias deserdadas. Com um dialecto reinventado por um grupo de jovens actores, eleva as cores e as dores de Palermo à escala universal.

Depois de em 2004 ter apresentado no Porto, integrado no PoNTI 2004/13. Festival da UTE, as peças **m'Palermu** e *La Scimia*, a encenadora siciliana regressa a Portugal com três novas abordagens ao universo particular do Sul de Itália.

Emma Dante decidiu instalar o seu teatro no sítio de onde provinha: Palermo. O nome da companhia, *Sud Costa Occidentale*, ondula como uma bandeira pela baixa de uma cidade que ainda não mudou de século. Vinda do Sul, Emma trabalha sobretudo na densidade das sombras, o que se enquadra com o continente e o nosso mundo a partir da costa. As famílias pobres de *m'Palermu*, *Carnezzeria* e *Vita Mia* derramam ainda o veneno das convicções ancestrais, servidas em doses precisas por uma cultura mafiosa. Algumas frases em dialecto não chegam para afirmar a plenitude da sua existência, entre o silêncio e os gritos. Compensam pelo empenhamento físico dos familiares, pelos gestos de amor das mães, pelo exacerbamento dos ritos.

Deixadas em zonas ainda sem cobertura da comunicação globalizada, agarram-se à "omertà" [a recusa de colaborar com a polícia] como forma de heroísmo.

Tiram partido do orgulho à submissão a regras que as nossas desaprovam e que as fazem andar de mão dada com o que as tortura. As suas errâncias suscitam compaixão e uma revolta imediata, que se associam aos eternos perdedores. O teatro de Emma Dante, dedicado à sua causa, reproduz eficazmente o seu isolamento comunitário, a estreiteza das suas perspectivas, a sua ligação a poderes e casualidades que apenas se sabem denominar como uma fatalidade.

Nas suas intermitências, a vida náufraga, contraria-se, está sempre à beira de uma explosão sangrenta, a que seria pura ilusão opor-se, tanto como pretender-se rescrever a história. Pois é ela que reaparece, a cada vez, debaixo da máscara do quotidiano; e o seu rosto doloroso, da mesma maneira que os seus intérpretes são jovens, é aquele em que Sciascia já vê a permanência em Lampedusa: "A morte como garantia definitiva, como última síntese deste modo de viver que é a Sicília."

O que é Palermo para si?

Palermo é uma cidade moribunda, uma cidade que se aproxima constantemente da morte, sem nunca a atingir. É a mesma coisa nos meus espectáculos. Palermo é o meu teatro, e o meu teatro é Palermo. A cidade está moribunda e os meus espectáculos são moribundos. Conduzem-nos à morte, aproximam-se sempre dela, sem nunca a atingir. Palermo é uma cidade eterna. É tão velha que nunca se tornará moderna. Pertence a uma outra época. O que a torna ainda mais fascinante.

Isso é uma declaração de amor?

De amor e de ódio. Os méritos de Palermo estão também na sua brutalidade. É fascinante e assustadora. É maravilhosamente horrível, irresistível na sua beleza absoluta.

Os grandes temas das suas peças, como o isolamento, a honra, a morte, são tratados de forma explícita ou serão apenas o resultado da narração?

A vontade de os contar é a causa e não o resultado. O resultado é o espectáculo. Tenho vontade de afrontar temas tabu, universais, que nos são incompreensíveis. A morte não pode ser compreendida. A nossa passagem por este mundo não pode ser compreendida. As relações íntimas não podem ser compreendidas, sobretudo as de sangue: mãe e filho, irmãos e irmãs. Tudo isto é misterioso. "O teatro serve para levantar um véu que se

colocou por cima do mundo, no tempo entreaberto”, disse Romeo Castellucci. Estou de acordo com ele. O teatro não pode servir para mais nada, apenas para levantar um pouco a poeira e interrogarmo-nos. Alimenta o nosso pensamento, ajuda-nos, por vezes, a afrontar a nossa própria vida, a agitá-la, criando uma guerra interior que nos põe em movimento. Para mim, o espectáculo existe para formularmos essa interrogação no momento em que ele se desenrola. Mas nada nos diz que a questão será esquecida amanhã, que não permanecerá viva.

Tem uma vontade particular de testemunhar, através do teatro, uma vontade de autenticidade? Essa autenticidade está dentro de si, ou fora de si?

O lado denunciador existe. As histórias contadas também, infelizmente. Testemunham situações de limite, as do subproletariado urbano. Os factos são reais, tal como a ausência de água potável é real, ainda hoje controlada pela máfia. As famílias fechadas nas suas casas, o incesto com as filhas, as mulheres que sofrem de violência, reclusas, que não podem ter uma vida normal, tudo isso existe. Em relação à autenticidade: não, não fui violada pelo meu pai, mas sim, perdi o meu irmão num acidente. **Vita Mia** é autobiográfico. A violência sexual e física não é autobiográfica. Tudo se mistura num sonho, que tem tanto de pesadelo como de felicidade.

As personagens estão sem consciência social ou política, tal como se permanecessem numa consciência arcaica.

Têm uma consciência instintiva que está ligada aos códigos de honra, logo também uma consciência política no interior desses mesmos códigos. Pertencem a uma outra sociedade que não é a nossa, uma sociedade que não é reconhecida oficialmente, estão casados com uma causa. As suas famílias não reconhecem as leis da sociedade, mas também não são anarquistas. Têm uma consciência muito clara em relação às regras que se podem chamar de mafiosas. Não poderia escrever sem as consciências destas famílias. Elas têm uma linguagem secreta, muito precisa. Secreta e mafiosa, é a mesma coisa. Falo sobre estas famílias do interior, no seu vocabulário.

Têm todas uma série de símbolos privados a partir dos quais os meus espectáculos são feitos.

Que lugar ainda se dá à religião?

Ainda demasiado, infelizmente. Pergunto-me ainda se acredito em Deus, mas não na Igreja como instituição. Os rituais, as cerimónias estão ainda presentes na minha vida como em qualquer outra vida no Sul. Os símbolos religiosos entram nos meus espectáculos mas estão desprovidos de sentido, como simples objectos. O crucifixo ainda não tem Deus. Os símbolos da Igreja não representam nada. O que tem valor é a minha interrogação à volta de Deus.

Foi educada com o dialecto palermitano?

O dialecto era proibido na nossa casa porque era a língua dos pobres. Aprendi-o através do contacto com as outras crianças na escola. A minha família não o queria, então falávamo-lo às escondidas, entre nós. Era a língua secreta das crianças.

Como é que o dialecto se impôs nas suas peças?

Nasceu ao mesmo tempo que o meu teatro. É a língua do meu teatro. Um dialecto que evolui, que se modifica ao longo da encenação. Muda a cada dia. Inventamos uma nova linguagem em cena, baseada no palermitano, o “palermitano-dantesco”.

Os actores falam o dialecto?

Todos. Faço-os entrar em cena neste dialecto de “palermitano-dantesco”. As palavras nascem através da improvisação.

Não são pronunciadas, mas sim trabalhadas pelos actores. É uma língua que se desenvolve pouco a pouco. Nunca se encontra acabada. Normalmente recuso a legendagem porque tanto em Milão, como em Paris as pessoas não compreendem o

palermitano. Nestes casos faço uma tradução em italiano, um compromisso, que reduz a poesia do texto mas que preserva a poesia em cena.

Como é que se juntou a Companhia Sud Costa Occidentale?

Depois de anos em Roma, voltei a Palermo para me juntar à minha mãe doente. Estava revoltada, desesperada, sem dinheiro, queria parar com o teatro. Mas o que fazer? Palermo é uma cidade da província para quem vem de Roma. Uma cidade vulgar e estúpida. Tornei-me também vulgar e estúpida. Agradava-me. Em Palermo não faltam desempregados. Organizei um laboratório onde veio gente nova. Durou um ano inteiro. Trabalhámos sobre um tema preciso: *O Amor nos Tempos de Cólera*, de Garcia Marquez. Não fiz uma encenação, não escrevi, procurava alguém que me pudesse acompanhar neste inferno que é, para mim, o teatro.

De que maneira evoluiu a sua escrita entre *M'Palermu*, assinado pelo colectivo, e *Mishelle di Sant'Oliva*, onde também faz a cenografia e figurinos?

Mishelle... apresenta uma diferença substancial em relação às peças precedentes: as duas personagens estão sentadas e falam muito. Há um trabalho importante sobre o texto. Porque conta duas histórias ao mesmo tempo. Uma história real e uma história que é evocada: a do amor por uma bailarina francesa que deixou a sua família palermitana. Não assinei **m'Palermu**, mas escrevi-a como as outras. E se hoje assino a cenografia e os figurinos de **Mishelle...**, não é por um desejo de onnipotência, mas porque o teatro é uma experiência exclusiva, para onde tudo deve convergir. A escolha dos figurinos é importante. A roupa de um actor. Não está ali para vestir uma réplica. Devo poder dirigir o figurino, e para dirigi-lo devo escolhê-lo, tal como escolho o actor.

Vendo as suas peças, fiquei com a sensação que se tratava de um teatro pré-pirandelliano. Daí a divisão das personagens.

As personagens de Pirandello estão divididas porque a psicologia está na base da sua obra. Está muito longe da minha escrita. As minhas personagens são mitológicas, não psicológicas. São idiotas. Não pensam por aí além. As personagens de Pirandello pensam tremendamente.

É mais difícil para uma jovem mulher afirmar-se na Sicília?

Eu já me afirmei. Tudo é difícil. Toda a empresa é difícil e a minha é uma grande empresa, apesar de ser uma pequena empresa.

Tem a impressão de estar sozinha?

Não, estamos todos sozinhos. Todos os que têm uma relação com a arte estão sozinhos. Um artista está sozinho. Não se deve submeter a quem quer que seja. Isso não quer dizer que não dialogo com os outros: diálogo, mas estou sozinha.

Tradução do francês: Francisco Valente

Texto publicado na revista Obscena em colaboração com a revista *Mouvement*